

**RELATO DE EXPERIÊNCIA:  
LEITURA COMO PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO  
DA EXPERIÊNCIA DO ALUNO**

*Gunther Barbosa (UEMS)*

[guintherbarbosa@hotmail.com](mailto:guintherbarbosa@hotmail.com)

*Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)*

[chaves.adri@hotmail.com](mailto:chaves.adri@hotmail.com)

**RESUMO**

Este artigo tem por objetivo compartilhar a experiência vivida por um dos autores e seus alunos do sexto ano do ensino fundamental II, em uma escola localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, por meio da qual, ressaltamos a importância da formação de leitores, capazes de criar seu próprio significado e reconstruir seus pensamentos através de suas experiências pessoais. Apoiamo-nos na crença de que a leitura seja o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de interação, na busca de compreensão e interpretação do texto. Como suporte teórico, recorreremos a autores, tais como Geraldini (2006), Kato (1993), Kleiman (1989 e 1992), Koch (2002 e 1987) e Lajolo (1999). Apresentamos algumas atividades realizadas, através das quais os alunos foram estimulados a desenvolver suas capacidades autônomas no processo da leitura.

**Palavras-chave:** Leitura. Ressignificação. Experiência. Ensino fundamental. UEMS.

**1. Introdução**

A leitura é um processo dinâmico, rico e quando trabalhada desde os primeiros anos escolares, traz benefícios aos leitores, que passam a ser estimulados a fazer um trabalho ativo de interação, na busca de compreensão e interpretação do texto.

Este artigo tem por objetivo compartilhar a experiência vivida por um dos autores e seus alunos do sexto ano do Ensino Fundamental II, em uma escola localizada em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, em que ressaltamos a importância da formação de leitores, capazes de criar seus próprios significados e reconstruir seus pensamentos, através de suas experiências pessoais.

Apresentamos algumas atividades realizadas, em forma de sequência didática, por meio das quais os alunos foram estimulados a fazer relações entre o que estava sendo lido e situações das suas próprias vidas. Buscamos promover discussões, fomentar reflexões e ampliar o repertório de leituras desses alunos.

Para a execução da proposta, trabalhamos com a leitura do livro *Cuidado com o Menino!*, de Tony Blundell, traduzido por Ana Maria Machado.

Os objetivos principais das atividades foram: aprimorar a habilidade leitora, conhecer melhor o gênero, levantar hipóteses sobre o texto, localizar e comparar informações, bem como, incentivar a leitura crítica e prazerosa.

Como suporte teórico, recorremos a autores, tais como, Geraldi (2006), Kleiman (1992), Koch (2003), Solé (1998) e Soares (1998).

## **2. A leitura na escola**

Por muito tempo, o ensino da leitura baseava-se na apreensão e decodificação de códigos linguísticos. Por mais que o ensino já tenha caminhado em direção ao letramento, ainda vemos alunos que não entendem o que leem, ou que apenas extraem as poucas informações explícitas no texto.

Confirmando a ideia supracitada, os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*, do ensino fundamental II ressaltam:

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler. (BRASIL, 1998, p. 37).

Conforme as noções de letramento, ensinar a ler e escrever envolve mais processos do que o de decodificação. Para Soares (1998), o letramento capacita os indivíduos a exercerem as práticas sociais de leitura, escrita e oralidade que circulam na sociedade em que vivem.

Para Soares (1998, p. 18): “Nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e, sobretudo, levar os indivíduos – crianças e adultos – a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita”.

Podemos considerar-nos leitores em tempo integral, no nosso dia a dia. Vivemos rodeados de informações em imagens, fotografias, letreiros, placas de rua, sinais de trânsito, cartões de crédito, revistas, livros e outros. Lemos esses textos de maneira diferente e de acordo com nossas

necessidades. Assim, o papel da escola é o de proporcionar leitura que levem os alunos a buscar, analisar, selecionar, relacionar, organizar as informações do mundo, significar e ressignificá-las para poder exercer a cidadania.

A leitura, encarada como prática social constitui-se em um meio, não em um fim. Ler é uma necessidade pessoal e, nas interações sociais cotidianas, não se lê de uma única maneira, não se decodifica palavra por palavra, nem se verifica a compreensão por exercícios.

Assim, cabe aos professores criar oportunidades aos alunos de ler, constantemente, textos com diversos objetivos, modalidades e práticas. Kock (2003) ainda acrescenta que é preciso planejar aulas de leituras que atendam aos requisitos necessários para propiciar ao aluno oportunidades de vivenciar sua própria construção.

Além disso, conforme Paulo Freire (2005) a escola é o lugar onde os alunos podem se desenvolver como leitores criadores e autônomos de suas interpretações, capazes de se guiarem através de seus interesses pessoais. Para o autor (2005, p. 11), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” e a leitura da palavra deve dar continuidade à leitura de mundo. Para tal, a leitura deve ter significado para o aluno e fazer parte da realidade deles. Dessa maneira, a leitura se dará como um processo interligado entre leitores/textos/autores.

A leitura contribui para a construção de significados a partir do texto, numa interação entre elementos textuais e conhecimentos do leitor.

Kock e Elias (2006, p. 11) observam que

Quando alguém lê algo, inicia aplicando um determinado esquema, alterando-o ou confirmando-o, ou, ainda, tornando-o mais claro e exato. Assim, duas pessoas que estão lendo o mesmo texto podem entender mensagens diferentes, porque seus *esquemas cognitivos* são diferentes, ou seja, as capacidades já internalizadas e o conhecimento de mundo de cada uma são específicos.

De acordo com Solé (1998) ler, compreender e interpretar textos diferentes e com intenções e objetivos diversos, contribui de forma decisiva para autonomia dos indivíduos, na medida em que nos capacita a viver em uma sociedade letrada.

Sendo assim, ler significa e ressignifica o que está dentro e fora do texto e para isso, é necessário que leitores sejam preparados para terem autonomia sobre as suas leituras nas escolas.

Mais ainda, segundo Geraldini (2006), um dos aspectos importantes

ao se praticar a leitura na escola, é a interação social. Para o autor, a leitura é um elemento primordial na evolução do indivíduo e da turma, no que tange à sua evolução, na visão de si próprio como indivíduo social e na sua interação com outros. Conforme Kleiman (1992), quando os alunos são levados a discutir seus entendimentos com os outros, emergem novas visões sobre de mundo.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* sugerem que se faça a leitura colaborativa (BRASIL, 1998, p. 40), ou seja, uma atividade em que o professor lê um texto com a turma e, “durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas linguísticas que possibilitam a atribuição de determinados sentidos”. Essa é uma oportunidade para os alunos trocarem experiências e conhecimentos.

Seguindo a todas essas orientações, pensamos na sequência didática a ser apresentada neste artigo.

### **3. Apresentação da situação**

A sequência didática foi desenvolvida pelos autores do artigo, para alunos do sexto ano, de uma escola municipal, localizada em Campo Grande, em Mato Grosso do Sul, por um dos pesquisadores.

Para a execução da proposta, foram realizadas seis aulas, que se estenderam, conforme o envolvimento da turma com a leitura do livro “Cuidado com o menino!”, de Tony Blundell, traduzido por Ana Maria Machado.

Entendendo que a leitura é um hábito poderoso que auxilia o indivíduo a aprender melhor, ter amor pela literatura, adquirir criticidade e também desenvolver competências discursivas, a presente sequência tem como objetivo aprimorar a habilidade leitora, conhecer melhor o gênero, levantar hipóteses sobre o texto, localizar e comparar informações, bem como, incentivar a leitura crítica e prazerosa.

A experiência teve, como norte, a vontade de desenvolver a consciência na compreensão e interação de significados existentes e adquiridos, fortalecendo suas capacidades de fazer relações entre a ficção e as situações que vivenciam.

#### **4. Sequência didática**

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998, p. 41), as atividades sequenciadas de leitura

São situações didáticas adequadas para promover o gosto de ler e privilegiadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, constituição de padrões de gosto pessoal, rastreamento da obra de escritores preferidos, etc. Funcionam de forma parecida com os projetos – e podem integrá-los, inclusive –, mas não têm um produto final predeterminado: neste caso o objetivo explícito é a leitura em si. Nas atividades sequenciadas de leitura pode-se, temporariamente, eleger um gênero específico, um determinado autor ou um tema de interesse.

Assim, baseados nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* de 1998 e nos nossos objetivos, desenvolvemos a seguinte sequência didática:

##### **Etapa 1: Conhecendo os autores e o gênero textual**

Para iniciar o trabalho com o livro, os alunos foram para a sala de tecnologias e fizeram uma pesquisa direcionada para conhecer melhor a vida, a obra, o estilo, e curiosidades sobre os autores Tony Blundell e Ana Maria Machado.

A turma foi dividida em grupos e a pesquisa resultou em trabalhos que foram apresentados oralmente na sala de aula.

O texto que iriam ler pode ser considerado um conto moderno, pois é uma versão atual e irreverente do conto clássico *Chapeuzinho Vermelho*, e por ser um texto narrativo, o professor, também autor deste artigo, trabalhou com a turma os conceitos específicos desse gênero, tais como: narrador, lugar, personagens, conflito, clímax e desfecho.

##### **Etapa 2: Antes da leitura**

Como forma de motivação, o professor apresentou a obra, brevemente e contou sobre o quê e o porquê os alunos fariam aquela leitura.

Com os livros nas mãos, os alunos exploraram a capa. Observaram os recursos visuais contidos nela e responderam, oralmente, perguntas como: o que as ilustrações informam sobre o texto? De que modo elas formam ou deformam a compreensão do texto?

O professor chamou a atenção para o título do texto “Cuidado com o menino!”, perguntando:

Por que será que o autor colocou esse nome?

Sobre o quê o livro irá falar?

Essas perguntas ajudaram os alunos a levantar hipóteses e aguçaram os seus desejos pela leitura do livro.

### **Etapa 3: Durante da leitura**

O professor iniciou a leitura colaborativa, ressaltando a estrutura do texto e fazendo alguns questionamentos:

O texto inicia-se com “Era uma vez...”, isso lembra que tipo de texto?

Os alunos fizeram relações com outros textos que começam assim e compreenderam, no final da leitura, que o texto era um conto de fadas ao contrário.

A leitura foi compartilhada, para que pudesse haver inferências necessárias provenientes, tanto do professor, quanto dos alunos.

Cada trecho do texto foi recapitulado. Assim, os alunos puderam sanar dúvidas de compreensão e confirmar ou refutar as suas hipóteses.

Durante a leitura os alunos observaram as ilustrações, relacionaram-nas com o texto e expuseram suas dificuldades e compreensões diferentes.

### **Etapa 4: Depois da leitura**

O professor e os alunos recapitularam, oralmente, a história completa. Dessa maneira, puderam compreender melhor sobre as atitudes das personagens e identificar os fatos fundamentais da história.

Depois para provocar a reflexão sobre o texto, os alunos foram encorajados a refletirem sobre os seguintes questionamentos:

- a) O texto lembra alguma outra história já conhecida? Quais?
- b) O texto dialoga com a história “Chapeuzinho Vermelho”. Em que elas são próximas e em que se distanciam?

- c) O lobo dessa estória tem as mesmas características do lobo da história “A Chapeuzinho Vermelho”? Quem era o vilão da estória “Cuidado com o menino!”?

E assim, os alunos iam falando sobre os pontos semelhantes e divergentes entre a estória original de Chapeuzinho Vermelho e a que haviam lido, pontuando as intertextualidades.

Os alunos chegaram à conclusão de que o menino, personagem do texto lido, é mais esperto e mais inteligente que o lobo, pois aproveitou a fome do animal para armar uma estratégia a fim de livrar a sua própria vida da morte. Aproveitando o assunto emergido, o professor trabalhou os conceitos de esperteza, medo e ingenuidade.

Concluíram também que nem tudo o que parece é. O lobo foi ingênuo e o menino conseguiu se livrar dele. Às vezes achamos que o mal tem cara feia, mas nem sempre isso é verdade.

O lobo foi bobo, mesmo tendo mais força física que o menino; se ele quisesse poderia ter comido o garoto, porém ele não teve inteligência e nem percepção das coisas.

### **Etapa 5: Partindo para a moral da história**

Os alunos foram encorajados a formular a moral da estória, escrevê-la e apresentá-la para a turma. Eles se mostraram criativos e, cada vez que uma versão da moral era apresentada, os temas extraídos eram trabalhados em sala.

Como exemplo, os alunos refletiram sobre álcool e drogas, quando discutiram sobre o cuidado que devemos ter ao sermos surpreendidos com ofertas que fazem mal à nossa vida. Na estória, o lobo acabou esquecendo-se do sal assim como muitas vezes nos esquecemos dos bons princípios aprendidos e acabamos erramos o caminho.

### **5. Considerações finais**

Acreditamos que os propósitos de desenvolver o gosto pela leitura, de ampliar o repertório dos alunos e a promover a reflexão, em grande parte, tenham sido atingidos por meio dessa sequência didática, uma vez que a maioria dos alunos aprimoraram suas habilidades de leitura e, conseqüentemente, sua criticidade.

Pudemos observar que utilizar sequências didáticas para o ensino de leitura pode contribuir para sistematizar melhor os estudos, trabalhar os diferentes gêneros textuais, tornar a aprendizagem mais expressiva e auxiliar no desenvolvimento das habilidades linguísticas necessárias aos alunos.

A leitura colaborativa se mostrou um caminho para levar os alunos a discutirem seus entendimentos com os outros, fazer emergir novas visões sobre de mundo e ressignificar as suas experiências.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministérios da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1992.

KOCK, I. *A interação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

SOARES, M. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.